Jonathan Edwards



O Amor de Cristo Demonstrado ao Morrer Por Pecadores

O AMOR DE CRISTO

Demonstrado Ao Morrer Por Pecadores

JONATHAN EDWARDS

Traduzido do original em Inglês

Christ's Agony

By Jonathan Edwards

A presente publicação consiste em um excerto da obra supracitada

Via: CCEL.org

(Christian Classics Ethereal Library)

Tradução por Camila Almeida

Revisão e capa por William Teixeira

1ª Edição: Outubro de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do ministério *Christian Classics Ethereal Library*, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

O Amor de Cristo Demonstrado ao Morrer por Pecadores

Por Jonathan Edwards

[Excerto do Sermão Agonia de Cristo, por Jonathan Edwards • Editado]

“E, posto em agonia, orava mais intensamente; e o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão.” (Lucas 22:44)

O sofrimento que Cristo, então, esteve realmente sujeito, foi terrível e assombroso, como foi demonstrado; e quão maravilhoso foi o Seu amor, que ainda permaneceu e foi confirmado! O amor de qualquer mero homem ou anjo sem dúvida teria afundado sob tal peso, e nunca teria sofrido um conflito em um suor tão sangrento como o de Jesus Cristo. A angústia da alma de Cristo naquele momento foi tão forte a ponto de causar esse efeito maravilhoso em Seu corpo. Mas o Seu amor aos Seus inimigos, miseráveis e indignos como eram, foi ainda mais forte. O coração de Cristo, nesse momento estava cheio de angústia, todavia era mais cheio de amor por vermes desprezíveis: Suas tristezas abundavam, mas o Seu amor superabundou. A alma de Cristo foi esmagada com um dilúvio de sofrimento, mas isto ocorreu a partir de um dilúvio de amor por pecadores em Seu coração, suficiente para transbordar o mundo, e sobrepujar as mais altas montanhas de seus pecados. Aquelas grandes gotas de sangue que corriam ao chão foram uma manifestação de um oceano de amor no coração de Cristo.

A força do amor de Cristo, mais especialmente evidencia-se no fato de que, quando Ele teve uma visão tão plena do horror do cálice que estava para beber, que tanto O assombrou, Ele, não obstante, mesmo assim, toma-o e bebe-o. Então, parece ter sido a maior e mais peculiar verificação da força do amor de Cristo, quando Deus coloca a porção amarga diante dEle, e o deixa ver o que Ele tinha que beber, se persistisse em Seu amor pelos pecadores; e trouxe-O para a boca da fornalha para que Ele pudesse ver a Sua ferocidade, e ter uma plena visão da mesma, e teve tempo, então, para considerar se Ele entraria e sofreria as chamas desta fornalha por tais criaturas indignas, ou não. Isso foi com a última consideração do que Cristo faria; como se então, fosse dito a Ele: “Aqui está o cálice que Você deve beber, a menos que Você desista de Seu compromisso pelos pecadores, e mesmo deixe-os perecer como eles merecem. Você tomará este cálice, e o beberá por eles, ou não? Há uma fornalha na qual Você está prestes a ser lançado, para que eles possam ser salvos; ou eles devem perecer, ou Você tem que suportar isso por eles. Ali Você vê quão terrível é o calor do forno; Você vê qual a dor e angústia que Você deve suportar no dia seguinte, a menos que Você desista da causa dos pecadores. O que Você fará? É tanto o Seu amor que Você prosseguirá? Você lançar-se-á nesta terrível fornalha de ira?”. A alma

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

de Cristo foi esmagada com o pensamento; Sua frágil natureza humana afundou diante da triste visão. Isto O colocou nessa terrível agonia que ouviste descrita; mas Seu amor pelos pecadores resistiu. Cristo não passaria por esses sofrimentos desnecessariamente, se os pecadores pudessem ser salvos sem eles. Se não houvesse uma necessidade absoluta de Seu sofrê-los para a salvação deles, Ele desejaria que o cálice passasse dEle. Mas, se os pecadores, em quem Ele havia fixado o Seu amor, não pudessem, de acordo com a vontade de Deus, ser salvos sem que Ele o bebesse, Ele escolheu que a vontade de Deus fosse feita. Ele optou por seguir em frente e suportar o sofrimento, terrível como apareceu para Ele. E esta foi a Sua conclusão final, após o conflito sombrio de Sua pobre e fraca natureza humana, depois de ter tido o cálice em vista, e, por no mínimo o espaço de uma hora, já tinha visto o quão incrível isto era. Ainda assim, Ele finalmente decidiu que Ele suportaria, ao invés que aqueles pobres pecadores que Ele havia amado por toda a eternidade perecessem.

Quando o cálice terrível estava diante dEle, Ele não disse em Seu interior: “Por que Eu, que sou tão grandiosa e gloriosa Pessoa, infinitamente mais honrado do que todos os anjos do Céu, por que Eu mergulharia em tão terríveis, incríveis tormentos por vermes inúteis miseráveis que não podem ser proveitosos a Deus, ou a mim, e que merecem ser odiados por mim, e não ser amados? Por que Eu, que tenho vivido desde toda a eternidade no gozo do amor do Pai, lançar-Me-ei em tal fornalha por aqueles que nunca podem me recompensar por isso? Por que Eu deveria me render a ser, assim, esmagado pelo peso da Ira Divina, por aqueles que não têm amor por mim, e são meus inimigos? Eles não merecem qualquer união coMigo, e nunca fizeram e nunca farão, qualquer coisa para recomendarem-se a Mim. Em que serei mais rico por salvar um número de inimigos miseráveis de Deus e Meus, que merecem ter a Justiça Divina glorificada em Sua destruição?”. Tal, porém, não era a linguagem do coração de Cristo, nestas circunstâncias; mas, pelo contrário, o Seu amor permaneceu firme, e Ele resolveu, mesmo assim, em meio à Sua agonia, entregar a Si mesmo à vontade de Deus, e tomar o cálice e o beber. Ele não fugiria para sair do caminho de Judas e daqueles que estavam com ele, mas Ele sabia que eles estavam vindo, mas na mesma hora entregou-Se voluntariamente em Suas mãos.

Quando eles vieram com espadas e varapaus para prendê-lO, e Ele poderia ter clamado por Seu Pai, que imediatamente enviaria muitas legiões de anjos para repelir Seus inimigos, e liberta-lO, Ele não quis fazê-lo; e os Seus discípulos, teriam feito resistência, Ele não os sofreria, como você pode ver em Mateus 26:51, em diante: “E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então Jesus disse-lhe: “Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que Ele não me daria mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?". E Cristo, em vez de esconder-Se de Judas e dos soldados, falou-lhes, quando eles pareciam estar perdidos se Ele era a pessoa a quem eles procuravam; e quando ainda pareciam hesitar um pouco, sendo tomados de algum terror em Seus espíritos, falou-lhes de novo, e então rendeu-Se em suas mãos, para ser preso por eles, depois que Ele lhes havia mostrado que poderia facilmente resistir-lhes se quisesse, quando uma única palavra dita por Ele, jogou-os para trás ao chão, como você pode ver em João 18:3, em diante: "Tendo, pois, Judas recebido a coorte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali com lanternas, e archotes e armas. Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre Ele haviam de vir, adiantou-se, e disse-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. E Judas, que o traía, estava com eles. Quando, pois, lhes disse: Sou eu, recuaram, e caíram por terra".

Assim poderoso, constante e violento foi o amor de Cristo; e a provação especial do Seu amor acima de todas as outras em toda a Sua vida parece ter sido no momento da Sua agonia. Pois, embora Seus sofrimentos fossem maiores depois, quando Ele estava na cruz, ainda assim Ele viu claramente o que esses sofrimentos seriam, no momento de Sua agonia; e esta parece ter sido a primeira vez que Jesus Cristo teve uma visão clara do que eram estes sofrimentos; e depois disso a provação não foi tão grande, porque o conflito terminara. A Sua natureza humana estava em uma luta com o Seu amor pelos pecadores, mas o Seu amor havia obtido a vitória. A questão, mediante uma visão plena dos Seus sofrimentos, havia sido resolvida e concluída; e, portanto, quando o momento chegou, Ele realmente passou por esses sofrimentos.

Mas há duas circunstâncias da agonia de Cristo que ainda fazem mais visível a força e constância do Seu amor pelos pecadores. Que, ao mesmo tempo em que Ele teve aquela visão do horror dos Seus sofrimentos, Ele também tinha uma percepção extraordinária sobre o ódio da impiedade daqueles pelos quais esses sofrimentos deviam fazer expiação. Há duas coisas que tornam o amor de Cristo maravilhoso: a) Que Ele esteve disposto a suportar sofrimentos que eram tão grandiosos e b) Que Ele esteve disposto a suportá-los para fazer expiação por impiedade que era tão grande. Mas, para Seu Ser propriamente dito, Cristo de Seu próprio ato e escolha suportou sofrimentos que eram tão grandes, para fazer expiação por maldade que era tão grande, as duas coisas eram necessárias: [1] Que Ele deveria ter um senso extraordinário de quão grande esse sofrimento seria, antes que Ele os suportasse. Isto foi dado em Sua agonia. E [2] que Ele devia também, ao mesmo tempo, ter um senso extraordinário de quão grande e odiosa era a maldade dos homens pelos quais Ele sofreu para fazer expiação; ou quão indignos eram aqueles por quem Ele morreu. E ambos estes foram oferecidos ao mesmo tempo. Quando Cristo teve um sentido tão extraordinário de quão amargo o Seu cálice devia ser, Ele teve muito a fazê-lO sensível

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

de quão indigna e odiosa era aquela impiedade do homem por quem Ele sofreu; porque a natureza odiosa e maligna daquela corrupção nunca se evidenciou mais plenamente do que na raiva e crueldade dos homens naqueles sofrimentos; e ainda assim, o Seu amor foi tão grande que, não obstante, Ele passou a sofrer por aqueles que estavam cheios de tal corrupção detestável.

Foi a corrupção e injustiça dos homens que forjaram e efetuaram a Sua morte; foi a impiedade dos homens que concordou com Judas, foi a maldade dos homens que O traiu, e que O prendeu, e amarrou-O e levou-O para longe como um malfeitor; foi pela corrupção e maldade dos homens que Ele foi denunciado, e falsamente acusado e injustamente julgado. Foi pela maldade dos homens que Ele foi repreendido, escarnecido, esbofeteado e cuspido. Foi pela impiedade dos homens que Barrabás foi preferido a Ele. Foi a impiedade dos homens que colocou a cruz sobre Ele para a carregar, e que O pregou e O colocou em tão cruel e ignominiosa morte. Isso tende a dar a Cristo um extraordinário senso da grandeza e odiosidade da depravação da humanidade.

[1] Porque aqui no momento dos Seus sofrimentos Ele teve a depravação posta diante dEle como ela é, sem disfarce. Quando ela matou Cristo, apareceu em Suas cores próprias. Aqui Cristo viu em sua real natureza, o que é o maior ódio e desprezo de Deus; na tendência final e desejo dela, que é matar Deus; e, em Seu mais grandioso agravamento e maior ato, que é matar uma Pessoa que era Deus.

[2] Porque nestes sofrimentos Ele sentiu os frutos daquela impiedade. Esta foi, nessa ocasião, diretamente dirigida contra Ele mesmo, e em si mesma exercida contra Ele para operar a Sua reprovação e tormento, o que tendia a imprimir um sentido mais forte de seu ódio sobre a natureza humana de Cristo. Mas, ainda assim, ao mesmo tempo, tão maravilhoso foi o amor de Cristo por aqueles que apresentavam essa corrupção odiosa, que Ele suportou esses mesmos sofrimentos para livrá-los da punição daquela mesma corrupção.

A maravilha do amor de Cristo ao morrer, aparece em parte em que Ele morreu por aqueles que eram tão indignos em si mesmos, como todos os homens têm o mesmo tipo de corrupção em seus corações, e em parte em que Ele morreu por aqueles que não eram apenas tão ímpios, mas cuja iniquidade consistia em serem Seus inimigos; assim, Ele não apenas morreu pelos ímpios, mas pelos Seus próprios inimigos; e parte em que Ele estava disposto a morrer por Seus inimigos, ao mesmo tempo em que Ele estava sentindo os frutos de Sua inimizade, quando Ele sentiu os efeitos extremos e esforços de Seu ódio contra Ele no maior desprezo e crueldade possíveis em direção a Ele, em Sua vergonha, tormentos e morte; e em parte, na medida em que Ele estava disposto a fazer expiação por Seus inimigos nestes mesmos sofrimentos, e por meio da mesma ignomínia, tormento e morte que eram

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

o fruto disso. O pecado e a maldade dos homens, pelos quais Cristo sofreu para fazer expiação, foram, por assim dizer, postos diante de Cristo, em Sua visão.

Primeira Inferência. Nisto esta impiedade foi apenas uma amostra da maldade da humanidade; pois a corrupção de toda a humanidade é da mesma natureza, e a maldade que está no coração de um homem é da mesma natureza e tendência como em outro. Como na água, o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem.

Segunda Inferência. É provável que Cristo morreu para fazer expiação por aquela verdadeira impiedade individual que operou os Seus sofrimentos, que O reprovou, escarneceu, esbofeteou, e o crucificou. Alguns de Seus crucificadores, por quem Ele orou para que pudessem ser perdoados, enquanto eles estavam no próprio ato de crucificar Jesus, foram posteriormente, em resposta à Sua oração, convertidos pela pregação de Pedro; como temos um relato no segundo capítulo de Atos.

Outra circunstância da agonia de Cristo que demonstra a força do Seu amor é o ingrato abandono dos Seus discípulos naquele momento. Os discípulos de Cristo estavam entre aqueles pelos quais Ele suportou essa agonia, e entre aqueles por quem Ele suportaria os últimos sofrimentos, dos quais Ele agora tinha aquelas apreensões terríveis. No entanto, Cristo já os tinha despertado a um interesse nos benefícios desses sofrimentos. Seus pecados já haviam sido perdoados por meio daquele sangue que Ele estava indo derramar, e eles já haviam sido vencedores infinitos por aquela moribunda compaixão e amor que Ele tinha por eles, e foram, por Seus sofrimentos, distinguidos de todos os demais do mundo. Cristo havia colocado uma maior honra sobre eles do que em qualquer outro, fazendo-os Seus discípulos em um sentido mais honroso do que Ele havia feito qualquer outro. E ainda agora, quando Ele teve o terrível cálice colocado diante dEle, que Ele beberia por eles, e estava em tal agonia diante da visão disto, Ele não viu nenhum retorno por parte deles, senão a indiferença e ingratidão. Quando Ele só desejava que O assistissem, para que Ele fosse consolado com sua companhia, agora, neste momento, triste eles adormeceram; e mostraram que não havia preocupação suficiente sobre isso para induzi-los a manterem-se acordados com Ele nem mesmo por uma hora, embora Ele desejasse isso, uma vez e outra vez. Mas ainda assim, este tratamento ingrato deles, por quem Ele devia beber o cálice da Ira que Deus havia posto diante dEle, não O desencorajou a de tomá-lo, e bebê-lo por eles. Seu amor resistiu a eles; tendo amado os Seus, amou-os até o fim. Ele não disse dentro de Si mesmo quando o cálice trêmulo estava diante dEle: “Por que devo suportar tanto por aqueles que são tão ingratos; por que Eu deveria lutar aqui com a expectativa da terrível ira de Deus a ser suportada por mim amanhã, por aqueles que nesse meio tempo não têm tanta preocupação por Mim, como para manterem-se acordados coMigo nem por uma hora quando Eu desejo isso da parte deles?”. Mas, ao contrário, com compaixões

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

ternas e paternais Ele desculpa esta ingratidão de Seus discípulos, e diz em Mateus 26:41: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. E, seguiu, e foi apreendido, e escarnecido e açoitado e crucificado, e derramou a Sua alma na morte, sob o peso da terrível ira de Deus na cruz por eles.

[...]

A alma de Cristo em Sua agonia no jardim esteve em uma grande e séria luta e conflito em Sua oração a Deus. O labor e esforço da alma de Cristo em oração era uma parte de Sua agonia, e foi, sem dúvida, uma parte indicada no texto, quando se diz que Cristo estava em agonia; pois, como já vimos, a palavra é usada especialmente nas Escrituras em outros lugares como esforço ou luta com Deus em oração. A partir deste fato, e a partir do evangelista mencionar o Seu ser posto em agonia, e Seu orar fervorosamente na mesma frase, bem podemos entender isso como menção ao o Seu esforço em oração como parte de Sua agonia. As palavras do texto parecem expor como Cristo estava em agonia na oração: “E, posto em agonia, orava mais intensamente; e o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão”. Esta linguagem parece implicar, assim, o quanto o trabalho e a seriedade da alma de Cristo foram tão grandes em Sua luta com Deus em oração, que Ele estava em uma pura agonia, e todo em um suor de sangue.

Estas orações intensas e fortes clamores de Cristo ao Pai em Sua agonia mostram a grandeza do Seu amor para com os pecadores. Pois, como foi mostrado, estes fortes clamores de Jesus Cristo foi o que Ele ofereceu a Deus como uma pessoa pública, na qualidade de Sumo Sacerdote, e em nome daqueles de quem era Sacerdote. Quando Ele ofereceu Seu sacrifício pelos pecadores a quem Ele tinha amado desde a eternidade, ele, além disso, ofereceu orações fervorosas. Seus fortes clamores, Suas lágrimas e Seu sangue, foram todos oferecidos juntos a Deus, e eles foram todos oferecidos para o mesmo fim, para a glória de Deus na salvação dos eleitos. Eles foram todos oferecidos pelas mesmas pessoas, a saber, pelo Seu povo. Por eles, Ele derramou Seu sangue e suor sangrento, quando este caiu em pedaços coagulados ao chão; e por eles tão intensamente clamou a Deus ao mesmo tempo. Isto ocorreu para que a vontade de Deus fosse feita na eficácia de Seus sofrimentos, na eficácia de Seu sangue, na salvação daqueles por quem o sangue foi derramado, e, portanto, essa intensidade demonstra Seu forte amor; isso demonstra quão grandemente Ele desejava a salvação dos pecadores. Ele clamou a Deus para que Ele não afundasse e falhasse nesse grande empreendimento, porque se Ele fizesse isso, os pecadores não poderiam ser salvos, mas todos pereceriam. Ele orou para que Ele obtivesse a vitória sobre a morte, porque se Ele não conseguisse a vitória, o Seu povo nunca poderia obter a vitória, e eles não conquistariam nenhuma outra forma, a não ser por Sua conquista. Se o Capitão de nossa salvação não houvesse vencido neste doloroso conflito, nenhum de

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/JonathanEdwards.org

nós teria vencido, mas teríamos afundado com Ele. Ele clamou a Deus para que Ele fosse salvo da morte, e se Ele não tivesse sido salvo da morte em Sua ressurreição, nenhum de nós jamais seria salvo da morte.

Foi uma grandiosa visão contemplar a Cristo no grande conflito em que estava em Sua agonia, mas tudo nisto ocorreu a partir do amor, daquele forte amor que estava em Seu coração. Suas lágrimas que fluíam de Seus olhos eram de amor; Seu grande suor era de amor; o Seu sangue, Seu prostrar-se no chão diante do Pai, era em amor; Seu fervoroso clamor a Deus foi a partir da força e ardor de Seu amor. Isto foi considerado como única principal forma na qual o verdadeiro amor e boa vontade são demonstrados em amigos Cristãos, um ao outro, que de todo coração orem uns pelos outros; e é um caminho que Cristo nos direciona para mostrar nosso amor aos nossos inimigos, mesmo orando por eles. Mateus 5:44: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem”. Mas alguma vez já houve qualquer oração que manifestou o amor aos inimigos, a tal ponto, como os fortes clamores e lágrimas do Filho de Deus pela eficácia de Seu sangue para a salvação de Seus inimigos; a luta e conflito de cuja alma em oração foi tal a produzir a Sua agonia e Seu suor sangrento?

[...]

Por isso, pecadores sobrecarregados e angustiados, se algum tal está presente aqui, que possa ter abundante fundamento de encorajamento para vir a Cristo por salvação. Aqui há um grande incentivo para os pecadores, para que venham a este Sumo Sacerdote que ofereceu tão forte clamor e lágrimas, com o Seu sangue, pela eficácia de Seus sofrimentos na salvação dos pecadores. Pois...

Aqui há grande fundamento de segurança de que Cristo está pronto a aceitar os pecadores, e conceder-lhes a salvação; pois aqueles Seus fortes clamores que Ele ofereceu na capacidade de nosso Sumo Sacerdote, demonstram quão intensamente desejoso Ele foi disso. Se Ele não estivesse disposto a que os pecadores fossem salvos, sendo eles sempre tão indignos disso, então, porque Ele lutaria assim com Deus por isso, em tal suor sangrento? Clamaria alguém tão fervorosamente a Deus com tais caros clamores, em tão grande esforço e fadiga da alma, por isso, se Ele não desejasse que Deus concedesse? Não, certamente! Mas isso mostra quão grandemente o Seu coração foi estabelecido no sucesso de Sua redenção; e, portanto, uma vez que Ele, por tais fervorosas orações, e por tal suor sangrento, obteve a salvação do Pai pelos pecadores, Ele certamente estará pronto para concedê-la a eles, se eles vierem a Ele por salvação; caso contrário, Ele frustraria Seu próprio plano; e Aquele que tão intensamente clamou a Deus para que Seu propósito não fosse frustrado, não frustrará, afinal, a Si mesmo.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Ó Jesus Cristo! a Tua Morte Agonizante
nos deu vida com abundância, Ó Glorioso Deus!
Oramos para que, pelo Teu Espírito Santo
Aplique o que de Ti há neste sermão aos nossos corações
E nos corações daqueles que lerem estas linhas,
por Cristo para a glória de Cristo.

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO use este sermão para trazer muitos
Ao conhecimento salvador de JESUS CRISTO.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser Uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

[1] Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
[2] Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [3] Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. [4] Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. [5] Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. [6] Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. [7] Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.
[8] Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados.
[9] Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; [10] Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; [11] E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. [12] De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. [13] E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. [14] Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. [15] Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. [16] Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. [17] Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; [18] Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.